

Autoritarismo, conflitos de classe e migração goiana em *O Caminho De Trombas*, de José Godoy Garcia

Authoritarianism, class conflicts and migration in goiás represented in José Godoy Garcia' O Caminho de Trombas

Carlos Augusto de Melo

*Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Professor de Literatura na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: carlosaug.melo@ufu.br*

Ionice Barbosa de Campos

*Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: ionice.barbosa@gmail.com*

Resumo: Este texto apresenta a obra *O caminho de Trombas* (1966), do escritor goiano José Godoy Garcia, com o objetivo central de refletir acerca das intersecções tensas entre as práticas do autoritarismo político brasileiro e os conflitos de classe, em Goiás, na década de 1960, que motivaram significativos fluxos migratórios de uma multidão de trabalhadores rurais goianos em busca de sobrevivência, de resistência e, também, de existência. A metodologia empregada aqui é qualitativa, de cunho bibliográfico, a partir das leituras teóricas oriundas dos textos de, por exemplo, Brito (2017) e Figueiredo (2017), os quais possibilitaram melhor compreensão sobre as vertentes da prosa literária brasileiras, de cunho engajado, sob o viés social, político e histórico. Com isso, pretende-se contribuir para as frequentes possibilidades de revisitar o passado literário e perceber a potência de escritores, como Godoy Garcia, que, por meio da literatura, trouxeram leituras engajadas de seu tempo a favor da minoria social.

Palavras-chave: Política; migração; literatura; *O caminho de Trombas* (1966); José Godoy Garcia.

Abstract: This text presents the work *O caminho de Trombas* (1966), by the goiano writer José Godoy Garcia, with the central objective of reflecting on the tense intersections between the practices of Brazilian political authoritarianism and class conflicts, in Goiás, from 1960 decade, which marks a critical migration flows in relation to crowd of goiano rural workers moving to unfamiliar spaces in search of survival and, also, of existence. The methodology used here is qualitative, of bibliographical nature, from the theoretical readings from the texts of, for example, Brito (2017) and Figueiredo (2017), which allowed a better understanding of the social, political and historical context in the Brazilian literary prose of sociological point. With this, it contributes to the frequent possibilities of revisiting the literary past and to realize the power of writers, such as Garcia, who, through literature, have brought engaged readings of their time in favor of the social minority.

Keywords: Migration; policy; literature; *O caminho de Trombas* (1966); José Godoy Garcia.

1 Palavras introdutórias

Eurídice Figueiredo (2017) encara alguns textos literários brasileiros, como *Em Câmera Lenta* (1977), de Renato Tapajós; *Em Liberdade* (1981), de Silviano Santiago; *Dois Irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum; e, em especial, *K.* (2011), de B. Kucinski, como importantes aparelhos de enfrentamento e de denúncia ao regime militar e o autoritarismo político, a partir da década de 1960 no Brasil, atrelando-se, por exemplo, à possibilidade de evocar a relação entre aqueles que sofreram com a imposição política e os que a impunham.

O escritor goiano José Godoy Garcia se insere nesse rol de produtores de uma espécie de, como diria Antonio Candido (2006, p. 173), “literatura engajada”, como um ato revolucionário contra o sistema repressor, pois, “no esteio de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, seus conterrâneos, sempre compreendeu o fazer poético como ação social de inserção histórica, política e intelectual” (MEDEIROS; SILVA JUNIOR, 2018, p. 94). Embora a produção poética seja mais extensa do que a da prosa, pode-se dizer que o seu único romance, *O caminho de Trombas* (1966), possui potência bastante singular dentro dessa perspectiva de luta social no Brasil em defesa dos párias que sofreram com a dominação do autoritarismo instaurado no país na década de 1960.

É a partir da leitura dessa narrativa de José Godoy Garcia que pretendemos discutir essas questões atreladas à compreensão da representação da migração, resultado de uma política perversa que gerou conflitos sociais no campo, devido à exploração da mão de obra e à desigualdade na divisão das propriedades rurais, impulsionando trabalhadores a saírem de seus lugares de origem em busca de sobrevivência, de resistência e de existência em diversos espaços, como os citadinos.

2 José Godoy Garcia (1918-2001)

Antes de apresentar essas discussões, convém dizer, em poucas palavras, quem foi José Godoy Garcia (1918-2001). Na história da literatura brasileira, é conhecido como um dos nomes mais marcantes no que diz respeito à concretização da poesia moderna em Goiás e da história literária do Centro-Oeste brasileiro. Nascido em Jataí (GO) em 1918, viveu em Uberlândia, Goiânia, Rio de Janeiro, fixando residência em Brasília, “onde promoveu uma intensa “vida poético-literária brasiliense, participando de saraus, produzindo crítica literária e apoiando autores mais jovens” (PERES, 2017, p. 42). Godoy Garcia teve uma carreira

política, social e literária relevantemente extensa e coerente às exigências no circuito cultural brasileiro. Exerceu alguns cargos públicos, como o de assessor jurídico da Comissão Goiana de cooperação para Mudança da Capital Federal e o de advogado ligado a questões agrárias, conforme consta em *Os pioneiros na construção de Brasília*, de Adirson Vasconcelos; publicou e fez parte da revista *Oeste*, fundada em 1942 e que teve impacto considerável na repercussão das letras goianas, bem como atuou no Partido Comunista por mais de dez anos, a partir de 1945. Inclusive, Godoy foi uma das vítimas das perseguições militares que eram feitas aos escritores e políticos contra à mentalidade ditatorial à época, refugiando-se nas casas de parentes, onde brincava com as crianças que, inocentes, achavam estar sendo prestigiadas com um momento de lazer ao lado do tio, conforme nos relatou, em conversa informal, sua sobrinha Andrea Godoy.

O goiano José Godoy Garcia foi um dos integrantes da geração que trouxe à baila a revista *Oeste*, em meados de 1942, oferecendo oportunidade de publicação àqueles poetas, jornalistas, escritores e historiadores que almejavam externar suas opiniões políticas, sociais e culturais, e que estavam acompanhando o crescimento de Goiânia, a nova capital do estado. Lembrando que havia certa restrição quanto aos assuntos publicados, uma vez que suas edições eram lançadas a partir de interesses objetivos de quem as financiavam. Em entrevista ao *Jornal Opção* em 1998, o autor esclarece que nem tudo o que era publicado condizia com as reais intenções do autor, mas vertia-se, muitas vezes, aos quereres políticos. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que a revista *Oeste* foi um dos instrumentos que mais possibilitou a publicação de textos de autores goianos, chegando até mesmo a consagrar alguns nomes, como o próprio Godoy Garcia, Bernardo Élis, José de Sousa Décio Filho, entre outros; não é mais vista com tanta exclusividade, em uma visão posterior, por Godoy Garcia, que a classifica como objeto de manipulação política. Ele conta:

[...] A revista Oeste era um veículo de propaganda de Pedro Ludovico, um negócio de adulação, horrível. A revista Oeste não teve influência nenhuma. Em toda província, havendo uma revista, o pessoal só pensa em escrever conto ou fazer poesia, mais nada. Não há debate intelectual [...] (GARCIA, 1998, s/p).

O autor em questão teve um posicionamento singular diante da crítica acadêmica e da teoria, pois, para ele, as teorias também têm diversas interpretações e não devem ser tomadas como verdades prontas, bem como os textos literários precisam ser mais discutidos e analisados no meio acadêmico. Em suas palavras:

[...] Há milhões de objetos estéticos, então há milhões de teorias de interpretação, porque cada um traz um tipo de interpretação próprio. Não pode ser assim. O crítico tem que estabelecer conexões. Um romance, por

exemplo, não pode fugir à história. Nenhuma obra da humanidade pode fugir à história, senão fica absurdo.

José Maria e Silva — Como o senhor avalia a crítica produzida nas universidades?

As universidades não estudam nada. Estudar o ser humano, o negócio de ser humano, o jogo da consciência humana, é algo profundo, é preciso ir além nesse estudo. E as universidades nem se preocupam com a história do romantismo, do simbolismo, do parnasianismo. Então, como é que se chegou ao modernismo? (GARCIA, 1998, s/p).

A obra de Godoy Garcia constitui-se de uma significativa produção de poesia, que estão *Araguaia mansidão* (1972); *Aqui é a terra* (1980); *Entre hinos e bandeiras* (1985); *Os morcegos* (1987); *Os dinossauros dos sete mares* (1988); *Poesia* reunião de todos os seus livros de poemas com o até então inédito *A última nova estrela* (1999) (PERES, 2017, p. 45); de narrativas, com o romance *O caminho de Trombas* (1966) e a coletânea de contos *Florismundo Periquito* (1990); e de crítica literária, com o livro intitulado *Aprendiz de Feiticeiro: estudos críticos* (1997). Em uma primeira fase, a poética do autor gira em torno de temas relacionados a cantar a natureza e, depois, como também evidente em suas poucas narrativas, recebe um tom de defesa aos párias da sociedade, de modo que surge alguém para dar voz aos que não têm vez, direcionando-se para uma literatura com perspectiva de crítica social e resgate histórico.

O autor morava em Goiás, mas tinha relações no Rio de Janeiro, onde morou por dois anos, entre 1938 e início de 1940, o que lhe permitiu ter contato com autores como Lúcio Cardoso, Rubem Braga, Solano Trindade, Mário de Andrade, Cândido Portinari (PERES, 2017, p. 43). Foi em função de sua proximidade com esse meio literário modernista que conseguiu chegar até Moacir Félix, editor de uma de suas obras e que já vinha, desde 1950, perfilhando no caminho dos estudos voltados para as questões humanitárias e em defesa aos novos olhares sobre as questões sociais, a mesma proposta de Godoy Garcia.

No entanto, Félix foi acusado, quando do movimento militar de 1964, de defender uma “literatura subversiva”, enquanto seu verdadeiro intento, como militante de esquerda, ao lado de Ênio Silveira, era o de selecionar obras culturais que abrissem outros caminhos para o desenvolvimento de novos aspectos na poesia brasileira e literatura em geral. Em 1966, ano do lançamento de *O caminho de Trombas*, Félix sofria privações e passava por muitas adversidades, tendo que fugir das perseguições e inflexíveis constrangimentos. Também estava o governo no enalço de Ênio Silveira que, teimoso em concretizar seus ideais, não renunciava sua editora e persistia em tomar os cuidados necessários para a edição de novas obras.

3 O Caminho de Trombas (1966)

Agora, convém apresentar os aspectos gerais que orientam o livro *O Caminho de Trombas*, publicado em 1966 pela Civilização Brasileira. Em termos estruturais, o romance é marcado por cinco partes específicas, que o autor divide para mostrar o percurso dos trabalhadores rurais, desde os tempos vividos na zona rural, até o encontro final de Desidéria e Prêto Soares, na cidade, com destino a Trombas. Sequencialmente, as partes do livro são: “Os dias de São Domingos”, “Os caminhos da cidade”, “A servidão”, “A derrubada do mato” e “Cirilo, Doraci e Desidéria”.

Essa publicação apareceu no auge de um dos acontecimentos políticos que mais marcou o Brasil, o da Ditadura Militar. Contando com uma única edição até hoje, é uma das poucas obras literárias produzidas em Goiás que representam questões sociais de forma tão crítica e contundente. As circunstâncias da publicação foram descritas pelo autor da seguinte maneira:

Em Brasília, eu estava trabalhando na literatura, exclusivamente, e na advocacia, para sobreviver. Tinha escrito *O Caminho de Trombas*, lançado em 1966, dois anos depois da quartelada. Esse livro mostrava as atividades do Partido Comunista. Era até provocação. Hoje, não teria coragem de publicá-lo naquelas condições. Quando começou esse negócio de guerrilha, comecei a participar [...] (GARCIA, 1998, s/p).

Esse comentário evidencia a atuação militante de Godoy Garcia frente ao cotidiano regional goiano, cujo posicionamento marxista esteve relacionado a sua luta pelos direitos humanitários brasileiros, ontológicos da classe social trabalhadora goiana, igualmente defendida por Moacyr Félix e Ênio Silveira nas muitas parcerias de publicações de revistas por eles escolhidas. Vale dizer que, desse modo, o escritor Godoy Garcia ficcionaliza experiências históricas e sociais vividas em suas memórias pessoais e coletivas, como é o caso das partes do livro em que incorpora muitas lembranças de quando participou ativamente da guerrilha de São Domingos, principalmente na primeira e na quarta parte, quais sejam: “Os dias de São Domingos” e “A derrubada do mato”. Nas palavras do autor:

Tinha escrito *O Caminho de Trombas*, lançado em 1966, dois anos depois da quartelada. Esse livro mostrava as atividades do Partido Comunista. Era até provocação. Hoje, não teria coragem de publicá-lo naquelas condições. Quando começou esse negócio de guerrilha, comecei a participar. Fui eleito delegado do Partido Comunista de Brasília, no sexto congresso. Eu já estava engajado na luta contra a guerrilha, que estava sendo planejada. Acho que esse negócio de sequestrar embaixador, do Fernando Gabeira, tinha a CIA por trás. Não era possível. Foi bom demais para a direita. (GARCIA, 1998, s/p).

De modo geral, de uma linguagem simples e objetiva, a narrativa aborda o assunto universal sobre a divisão das classes sociais, adequando-o à história regional brasileira de luta pela possibilidade de plantar e colher nas lavouras de São Domingos, em Goiás; e, também, de conseguir sobreviver em outros espaços, como os da cidade, após os agricultores precisarem sair do campo. Visualiza-se, portanto, o conflito existente entre trabalhadores rurais (denominados algumas vezes de comunistas) e os representantes do governo do estado de Goiás; é uma saga que busca evidenciar as dificuldades enfrentadas por pequenos agricultores, que buscavam o direito à sobrevivência.

José Godoy Garcia confere destaque à questão política das personagens, discutindo os conflitos sociais e políticos que afetavam o campo e a cidade, tão reveladores na fala de Prêto Soares, uma das figuras de maior destaque dentro da narrativa: “A tarefa de ajudar as massas do campo, os milhões de homens sem terra, é a nossa. Uni-las, dar-lhes a mão, dirigi-las para que conquistem a terra, uma vida digna, esta é a nossa tarefa. Sem essa política o Brasil marca passos na miséria” (GARCIA, 1966, p. 111). Elas passarão a viver, esperançosos em conquistar um espaço de terra, em ver a reforma agrária.

Nessa narrativa de Garcia, há ainda a abordagem das primeiras construções de Goiânia, como os prédios que eram erguidos no centro da cidade e onde foram trabalhar os agricultores vindos do campo; e os bairros mais afastados, criados a partir da chegada dos migrantes, bem como mostra a instalação dos agricultores na cidade e sua adaptação. É nesse contexto que conhecemos as personagens urbanas e são apresentadas as formas como o governo age nas vilas mais novas, para “seduzir” e “explorar” o proletariado. Também é aí, principalmente, que se instala uma preocupação em representar a inquietação do povo com as questões políticas, o comunismo, o movimento sem-terra, e a esperança de uma reforma agrária igualitária e humana.

Sob uma leitura histórica perspicaz, esse escritor goiano costura, nas teias narrativas, ficção e realidade que, coerentemente, demarcam a história violenta da revolução em Formoso e Trombas, na época do governo Pedro Ludovico Teixeira em Goiás. A figura de Gregório Bezerra, no capítulo “A derrubada do mato”, serve para ilustrar esse entrecruzamento. Na história do Brasil, essa personagem foi um comunista engajado politicamente, representante da esquerda brasileira, abraçando a causa de uma:

[...] sociedade mais justa e melhor. Em 1930, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e, em 1935, era um dos líderes do movimento armado, Aliança Nacional Libertadora (ANL). Participou, como militar rebelde, da luta armada que tentou implantar o regime comunista no Brasil. Com a derrota do movimento, foi preso durante três anos, no Recife, e condenado

a 28 anos de prisão, pelo Tribunal de Segurança Nacional. (ANDRADE, 2009, s/p).

Essa personagem histórica brasileira fica responsável por apresentar aos “homens abandonados nos eitos” goianos que os sonhos poderiam ser alcançados se fossem fertilizados, possíveis de florescerem, “tão igual as chuvas que vinham banhar as terras e searas nas velhíssimas enseaduras do mês de outubro” (GARCIA, 1966, p. 151).

Daí que, como literatura, o romance oportuniza que o leitor não se esqueça desse passado conturbado da história nacional, ficando na memória as lutas populares contra o poder insensato dos ditadores no interior de Goiás. Com esse romance, os nomes de políticos e as discussões entre trabalhadores e governo, os impasses entre as classes, a guerrilha em Formoso e Trombas não poderão ser esquecidos.

O entrecruzamento de aspectos histórico-sociais e ficcionais é uma das principais características do referido romance de Garcia, incorporando traços neorregionalistas, tendência literária que, conforme ressalta Brito, estabelece-se pela “manutenção de aspectos da tradição regionalista brasileira do modernismo, como, por exemplo, os diálogos entre a Literatura e a Sociedade, as problematizações sociais, certo engajamento estético-social nas obras [...]” (BRITO, 2017, p. 31).

Pode-se dizer que a narrativa tem como mote inicial os conflitos entre os trabalhadores e os donos das terras que querem, se não todo, a maior parte dos lucros vindos das plantações feitas pelos agricultores:

Era a grande época esperada, quando seria a ocasião das colheitas e a divisão do arrendo. Os fazendeiros andavam espalhando que não havia lei, que era uma conversa de gente vagabunda, uma história arranjada pelos comunistas. Tudo o que os fazendeiros diziam tinha grande poder. Varava mundo, azucrinava a mente dos homens, levava descrença, e êsses boatos dos fazendeiros duravam dias, semanas, meses, tal a sua fôrça.

— O seu Deca Vilela falou que não existe. Perguntou onde está a lei. Falou rindo que ninguém viu e ninguém pode ver uma coisa que não existe. (GARCIA, 1966, p. 124).

Nesse momento de conflito, muitas pessoas, afetadas pelo não cumprimento do acordo por parte da maioria dos fazendeiros, saem em defesa do que lhes é de direito, mas que está sendo impedido pelo autoritarismo político daqueles que têm um poder social mais vantajoso. Os camponeses vivem, então, em torno da esperança do cumprimento da Lei do Arrendo, até que uma das personagens, João Luzia, anuncia a novidade e, na ocasião, os agricultores pensaram que essa seria a garantia deles no arrendamento final da colheita:

As novas leis do arrendo atingiram tôda a região, chegando além de Soledade; do Mato Dentro, passando por Brejinho e chegando a Soledade.

De uma fazenda mandavam saber em outra, tomavam conhecimento e resolução. 1950 foi um ano de porfia. (GARCIA, 1966, p. 124).

Assim, com grande expectativa por parte dos trabalhadores e muita preocupação dos fazendeiros, depois de uma longa discussão e brigas entre os dois lados, a colheita foi iniciada e a posse de 80% das lavouras ficou com os sitianteiros. Já os fazendeiros, por sua vez, não foram colher sua parte (20%), ficando as plantações na terra, como os agricultores deixaram. As autoridades do campo, no caso os donos das grandes propriedades rurais, acabaram tendo que ceder e pagar aos agricultores sua parte no acordo, logo, há um ganho para aqueles que, na maioria das vezes, saíam perdendo. Nesse momento, identifica-se uma vitória dos párias sobre o poder. José Godoy Garcia, na contramão da história, quer instituir no leitor que existia ainda esperança de justiça, conseguida por meio da luta em grupo:

Com os poucos dias a safra terminou, e nem Saraiva e nem os seus prepostos apareceram.

Assim foram os acontecimentos de Brejinho, Mato Dentro e Soledade, até os meses de março e abril.

O arroz jogado na terra apodrecia, sem que os fazendeiros viessem buscá-lo. Jogado na terra, dá-se com o arroz algo estranho. O mofo no amarelo encardido, que se rebenta, banho de sol e orvalho, dá lugar a um brotamento verde, e assim os montes de cereal largados nas palhadas se cobrem de uma majestosa camada de fôlhas verdejantes. A terra está em festa, a mente dos homens prenehe de emoções. (GARCIA, 1966, p. 148).

No entanto, essa foi apenas uma primeira batalha, pois os proprietários das terras não ficaram quietos, indo também buscar seus direitos, de maneira que falaram com o delegado, o prefeito, o tenente e autoridades afins. Posteriormente, mais uma vez, engajados na tarefa de fazerem a derrubada do mato e plantarem suas lavouras, Prêto Soares e seus companheiros concluíram seu objetivo. Em meio a essa empreitada, conseguiram muitas pessoas que, na multidão, se juntassem com um mesmo propósito: de trabalharem com o corpo e com a mente para que, ao final do episódio, obtivessem um resultado positivo.

Houve muita luta com o governo, estratégias calculadas milimetricamente e algumas agressões físicas por parte da polícia, de modo que os lavradores sofreram para atingir seus objetivos, mas atingiram. Os louros foram alcançados e “as notícias correram mundo, narradas de muitas maneiras e variante. Faziam referência à velha Adelfa, aos males acontecidos com o vendeiro Manuel Papagaio, à lendária derrubada dos matos, às maldições dos fazendeiros” (GARCIA, 1966, p. 161).

Após a partida de Gregório Bezerra, que também era um migrante em Goiás, vindo do Recife para ajudar os companheiros de partido, com o fervilhar das novas ideias na cabeça, alguns trabalhadores rurais tomaram a decisão corajosa de organizarem uma empreitada

perigosa e, depois de percorrerem longos caminhos, enfrentarem muitas batalhas e passarem por diversas situações difíceis, o enredo caminha para seu desfecho, na quinta parte do romance: “Cirilo, Doraci e Desidéria”. Reuniam-se para decidir quem iria até Goiânia e/ou cidades vizinhas para falar com advogados, e aos campos, para discutir com outros grupos de agricultores. O movimento era constante e alinhado às necessidades e possibilidades dentro do contexto de um regime político ditatorial que impedia o livre acesso às informações, de modo que dificultava, ainda mais, as ações dos agricultores.

Acontecimentos como esses nos direcionam a pensar em como o regime político influencia, negativamente, nas ações cotidianas da classe trabalhadora, dificultando o trabalho e a moradia, além de impedir o trânsito livre, obrigando as pessoas a deixarem o campo e irem para a cidade e, ao mesmo tempo, pressionando para voltarem ao campo. Essa é a dinâmica da narrativa godoyana, os personagens estão sempre em movência e conflito com o governo, desde o início até os momentos finais.

Após longa caminhada e sofrimentos de jornada, os antigos amigos de São Domingos se dispersaram e restaram apenas Desidéria, que dormia sozinha à beira de um córrego, após o incêndio propositado pelos homens do governo, no Matadouro, vila onde morava. Desidéria sonhava apenas em encontrar seu marido, que há muito a tinha deixado para voltar às lavouras, ajudando os amigos lavradores de terra. Mais uma vez, o movimento de sair e voltar para os campos, depois regressar para a cidade. Em um amanhecer, quando ela desperta:

Pouca gente ainda a seu lado, só mais distante restam algumas famílias. Segue caminhando instintivamente para os rumos de sua morada, em direção do Matadouro, de onde ainda sai, em vários pontos, a fumaça retardada. Encontra Prêto, seu marido.

___ Desidéria!

___ Prêto Soares!

Abraçaram-se.

Nada restava do que era seu.

___ Desidéria, vem comigo?

___ Vou.

Alguns dias depois Prêto Soares e sua mulher tomaram condução e partiram. Chegaram a Anápolis. Desta cidade pegaram um caminhão e rumaram para o Norte, via Ceres e Uruaçu. Prêto demandava as terras de Formoso e Trombas, onde o esperavam. Ele falou à mulher das lutas daquela região. A estrada sumia sem fim nas chapadas goianas. Ele mostrava, o vento dobrando as abas de seu chapéu, a grande estrada. Ela olhava. Prêto Soares ria. (GARCIA, 1966, p. 207).

Nesse contexto, tem-se o desfecho da narrativa, com o encontro das únicas duas personagens que venceram todos os obstáculos impostos no decorrer da trajetória e, enfim, puderam seguir em frente, rumo a Formoso e Trombas, onde provavelmente haveria de lutar muito, visto o que Prêto falou à mulher. As personagens frustram-se, sendo obrigadas a viver

sem conforto, ou retornar para a lida no campo, ou ainda, a buscar outros caminhos, como é o caso de Prêto Soares e Doraci, que chegaram ao destino anunciado no título do livro: *Trombas*. No entanto, estar em Trombas não significa parar e permanecer ali, é apenas mais um lugar por onde esses caminhantes vão passar. Todos os demais personagens, sentindo-se reprimidos pelas forças que os impediam de caminhar em frente, como a polícia, o governo e os patrões, deixaram-se vencer pelo cansaço.

4 Conflitos de classe, autoritarismo e migração

No contexto de enfrentamento ao autoritarismo nacional, a questão sobre o deslocamento se impõe, uma vez que as imposições violentas de regimes autoritários acabaram por impulsionar, em movimentos diaspóricos, diversos grupos de pessoas a deixarem seus lugares de origem em busca de espaços nos quais pudessem garantir a sobrevivência. Ir e vir, partir e voltar, deslocar-se, deambular, movimentar-se, transitar, mover-se a esmo ou com um caminho traçado, ações que passaram a ser comum no período ditatorial brasileiro no século XX. Nesse momento, vale ressaltar que esse regime de exceção controlou essa movimentação, principalmente dos mais engajados socialmente, de forma que o processo de idas e vindas foi, em grande parte, forjado.

Tais movências, tanto as forçadas pelo resultado de conflitos sociais, políticos e econômicos, como, por exemplo, o exílio, quanto às voluntárias, feitas em razão de uma ampliação da comunicação, que é a globalização, permitiram aos escritores publicarem obras que aproximam o leitor da realidade de fora, isto é, de como é a visão do migrante no espaço do outro. Os registros feitos a partir de experiências forjadas, em especial aquelas que estão ligadas diretamente às questões de regimes autoritários, são exemplos de literatura migrante e oferecem dados e fatos passíveis de análise no campo da crítica literária, além de possibilitar ao leitor uma aproximação e conhecimento do que foi aquele período, a partir do olhar do autor. Por meio do discurso literário, escritores brasileiros conseguiram esses aspectos em suas obras engajadas politicamente. Na década de 1960, muitos deles tiveram dificuldades em conseguir a aceitação do crivo repressor, ainda assim, não deixaram de lutar em prol de publicações que poderiam ser o meio artístico pelo qual as vozes dos oprimidos fossem ouvidas por parte da população brasileira.

A movência das personagens entre os espaços rural e urbano é um dos traços fundamentais do *O Caminho de Trombas*, de Godoy Garcia. Elas transitam entre diversos espaços, a partir de fatos ocorridos nos entornos de Goiânia, em muitas fazendas e cidades próximas, de forma a evidenciar a pluralidade geográfica no contexto de formação regional

brasileira. Ambientado no período de crescimento populacional e de estabilidade política de Goiânia, além de ser demarcado por cidades do entorno da capital que nos remetem aos espaços geográficos ainda hoje existentes e conhecidos, o romance godoyano cumpre o papel de usar a ficção para mostrar como as determinações políticas e sociais da época influenciaram no processo migratório. São os lugares por onde iam aqueles que precisaram deixar suas terras e casas, a fim de encontrarem assistência e trabalho em outros espaços. Além de Goiânia, muitas cidades e rios de Goiás são mencionados como, por exemplo, Catalão, Pires do Rio, Iporá, Silvânia, Nazário, Jussara e muitas outras. Como militante do Partido Comunista, José Godoy Garcia soube apresentar em *O caminho de Trombas* elementos que sustentaram seus valores de luta pela vida, pela sobrevivência e pelo mínimo de dignidade dos assujeitados do campo que, na década de 1960, em processo diaspórico, buscaram sobrevivência na cidade.

Nesse romance, Godoy Garcia traz à tona a formação do Centro-Oeste, alvo de fluxo migratório intenso quando da idealização da construção das capitais Goiânia e Brasília. Na zona rural, onde inicialmente plantava-se e colhia-se para o sustento das famílias, foi, em sua maioria, ocupada pelos grandes fazendeiros e latifundiários, com o apoio do governo, o que gerou a expulsão dos camponeses para a cidade. Restava ao homem do campo, portanto, a opção de encaminhar-se para a cidade e procurar novas perspectivas de vida. Especificamente na região Centro-Oeste, no período já mencionado, chegaram muitas famílias, vindas tanto de regiões próximas como das mais distantes, orientadas pelo discurso de que, ali, havia amplo campo de trabalho, qual seja, a construção civil, visto que o projeto de mudança da capital de Goiás, aviltado por Pedro Ludovico Teixeira e apoiado por Getúlio Vargas, estava em pleno desenvolvimento. Mais tarde, a construção de Brasília e Palmas e, depois, da rodovia conhecida como Belém-Brasília foram, também, motivo para aumentar o fluxo migratório na região. Brandão afirma que:

A construção de Goiânia despertou nas pessoas que chegavam para Goiás uma expectativa de um novo ideal de vida, de mudança e modernidade. Assim, a migração se fez intensa não somente para a nova capital, mas também para as demais regiões do Estado em função das terras disponíveis para a agricultura que por meio das frentes pioneiras de expansão estavam sendo ocupadas e se constituiriam posteriormente no agronegócio, atendendo assim aos interesses capitalistas. (BRANDÃO, 2015, p. 153).

Nesse período, houve também um fluxo migratório derivado da movimentação política e social do país, inclusive em Goiás, quando os militares assumiram o poder e, como consequência disso, os partidos de esquerda tentaram ganhar forças para lutarem contra a imposição governamental. É nessa dinâmica que, também, há uma circulação entre os

membros dos partidos, que vinham de diferentes lugares, a fim de reforçar suas bases e ajudar os companheiros que, na maioria das vezes, estavam em menor número.

Os movimentos das personagens n' *O Caminho de Trombas* ocorrem por duas vias. Por um lado, existem aqueles que querem estar fixos, independentemente da situação vivida, mas, de acordo com o cenário que ali se delineia, principalmente o contexto político, não é possível permanecer com o vínculo na terra, porque surge a necessidade de ir para a cidade. Por outro lado, há aqueles personagens que almejam a partida, cientes de que o fluxo precisa acontecer para que se obtenha uma mudança de vida, nesse caso, a obrigação de se ver fora do ambiente que é seu dá-se via fatores políticos e econômicos, visto que o acordado entre fazendeiros e agricultores no arrendamento de terras devolutas foi quebrado e, conseqüentemente, a classe social menos favorecida se vê diante da problemática de encaixar-se no fluxo migratório, enquanto os favorecidos economicamente tomam conta das terras. De todo modo, são movências involuntárias que ocorrem em relação ao processo social que se instaura em um espaço de múltiplas trajetórias, onde sempre há desigualdade e exclusão social e o indivíduo é, forçosamente, levado a se dirigir a outros espaços. É nesse mesmo sentido que Cury (2012) elenca alguns motivos que têm levado o homem à migração não voluntária, como fugir da fome, por exemplo, que é, também, o caso encontrado no texto literário aqui apresentado. Nas palavras da autora:

Testemunhamos, no nosso mundo, a circulação de multidões de turistas, de refugiados de guerras étnicas, religiosas ou ideológicas, de pessoas fugindo da fome ou gente em busca de oportunidades ligadas à internacionalização do capital. Nesse grande contingente de migrantes, podem ser incluídos os novos nômades urbanos que erram nas metrópoles do planeta e aqueles que deixam seus lugares de origem em busca de trabalho em outras regiões de seus próprios países ou em países diferentes. (CURY, 2012, p. 12, grifos nossos).

Há de se colocar, também, a perspectiva de o sujeito em movimento de deslocamento não saber como será recebido no espaço vindouro e, muitas vezes, ele pode ser expulso, provocando o seu retorno ao espaço de origem. É um traço bastante importante dentro do processo migratório, pois mostra as dificuldades fixadas ao sujeito movente, porque, no caso d' *O Caminho de Trombas*, nem todos os personagens se adaptaram, ou seja, superaram a seletividade migratória, precisando retornar ao espaço rural, reemigrar. No texto de Godoy Garcia, esse migrante é representado pela figura de Cirilo que, por mais que tenha tentado, não conseguiu viver na cidade e precisou retornar ao campo, reemigrar. Apesar de todo seu esforço, em mais de uma tentativa, não teve condições de se estabelecer fora do seu espaço primeiro e, junto com a mulher e os filhos, regressou para as lavouras. Na narrativa,

após a primeira tentativa: “Cirilo e Doraci se foram para as terras de Pires do Rio. Êle se tomou de pavor tão grande, chamou a mulher para os caminhos das lavouras. Doraci não pôde recusar e não teve outro jeito senão pegar os filhos e acompanhar o marido” (GARCIA, 1966, p. 106). Depois, pela segunda vez:

Doraci, não quero senão tirar o mantimento da terra. Não quero outra coisa senão minha terra e minha lavoura. Gosto de você. Não conheci outra mulher. Gosto da terra, Doraci. Não gosto da cidade. Tenho medo, um medo muito grande da cidade. Não fui feito para a vida da cidade. Fui feito para as lavouras, para plantar e tirar o mantimento da terra. (GARCIA, 1966, p. 197).

Ainda em relação aos espaços por onde passaram as personagens dessa narrativa, é pertinente notar os assujeitados do campo, dominados por uma coletividade trabalhadora, explorada pela política de má distribuição de terras, e os assujeitados da cidade, que lidam com os problemas sociais urbanos impulsionados pela ocorrência da imigração. Dessa forma, mostra-se a preocupação sociológica do autor, que interpreta esse momento migratório, intimamente atrelando-o às injustiças sociais, às demarcações das terras, às explorações do trabalho rural, às constituições das cidades, à moradia, entre outros aspectos:

A cidade como um coração. As suas estradas podiam contar muitas histórias. Mas viviam, solenes, ridículas, desgraçadas. A vida se fazia por elas em todos os rumos. As que demandavam o sudoeste, ligando a cidade de Mineiros, Alto Araguaia, Jataí, Rio Verde, Iporá. Por elas vinham o gado, o cereal, aguardente e fumo. A que demandava Anápolis, Jaraguá, Ceres, Rubiataba, Uruaçu, Porangatu, Peixe: ligando o centro com a Capital, depois seguindo para o norte. O norte, o osso de peito, a pelanca dos ombros envelhecidos, a rebarbativa vida, a canastra e o catre velho, o jumento e a alma sêca do pobre homem sêco. Vinham por essa estrada gente e arroz, feijão e café das terras das Matas de São Patrício. Do Sul feudal a estrada moderna trazia o gado zebu e o fazendeiro e o seu genro, emporcalhando a cidade que encontrava mais uma dolorosa razão para envelhecer. E havia a estrada das terras férteis de Aurilândia, Firminópolis, Anicuns, Nazário, Trindade, Inhumas. Os caminhões cortavam essas estradas, dia e noite. O cereal abarrota os armazéns dos turcos em Campinas e as máquinas nas circunvizinhanças da estrada de ferro.

Goiânia é uma cidade nova que envelheceu muito depressa. Um envelhecimento de coisa abandonada no tempo. Cidade de uma vida solitária, peito de trabalhos destemidos, coração latejante, mente de fraternidade. (GARCIA, 1966, p. 193-194).

Nesse trecho, há a construção imagética dos marginalizados no espaço rural: o envelhecimento, a vida árdua, “a alma seca do pobre homem seco”. Nos caminhos, deixam as marcas do sofrimento e, em suas mentes, criam condições que os favorecem enquanto seres humanos, ou seja, para que possam seguir adiante, as personagens recorrem ao apoio mútuo e à unificação de um pensamento positivo ao fazerem uma junção da atmosfera do lugar onde se encontram e o sentimento fraternal de união existente entre si. Nesse trânsito,

independentemente das adversidades, sempre se refazem por meio da esperança de encontrar na “cidade como um coração”, um lugar de repouso.

As personagens, em suas representações individuais e coletivas, (re)vivem universos marcados pelo tempo ou espaços nos quais estão inseridas. Os turcos e os sulistas, construídos como personagens antagonistas, são colocados na trama da narrativa para exemplificar a classe dominante, causadora da exploração das terras a seu favor, com apoio de um regime político autoritário, para o fortalecimento dos agronegócios de importação. As referências a políticos do regime autoritário, como Jerônimo Coimbra Bueno, governador do estado entre 1947 e 1950, demarcam o papel engajado do texto de Garcia como denúncia social. Também são citados os nomes do Deputado Sampaio e do Governador Ludovico.

N’*O Caminho de Trombas*, impõe-se o protagonismo da multidão, da coletividade; e não há, necessariamente, um herói, ou uma heroína, ou uma ou duas personagens protagonistas; a narrativa se desenvolve em torno de uma coletividade, tanto no campo quanto na cidade, dos movimentos de partidas e chegadas, como confronto às formas de dominação daquele período. Essa perspectiva tem a ver com o que Luciano Justino categoriza como “literatura de multidão”:

Chamo-as literatura de multidão porque semiotizam uma “quantidade infinita de encontros” e pressupõem horizontes dialógicos e contraditórios ao multiplicarem o número de personagens na trama e os seus percursos pela cidade.

São narrativas de muitos, em estado de co-pertencimento. Os muitos são tanto do lugar, partilham uma vizinhança próxima e os problemas comuns de toda proximidade, quanto operam no cotidiano com diversos alhures, econômicos, culturais, linguísticos, tecnológicos. (JUSTINO, 2012, p. 82).

A quantidade de personagens, sem ter um herói ou heroína, os movimentos de ir e vir do campo para a cidade, e vice-versa, numa atividade de conexão entre os personagens, os muitos lugares por onde andam e as diversas experiências que vivem, tecem essa narrativa de pertencimento. No referido romance, a cuidadosa construção dessa multidão de personagens fictícias imprime a sensação de que realmente existiram nos eventos históricos e sociais na década de 1960. Há dezenas de personagens ao longo da narrativa, e cada um exerce um papel importante e único dentro do contexto de luta pela posse das terras e pelo espaço de sobrevivência cidadão. A maioria é migrante, pois, dentro do fluxo migratório forjado da década de 1960, saíra do espaço rural a caminho da utópica vida oferecida pelo espaço urbano; confrontando diversos tipos de violência social, algumas delas regressam ao campo e outras, mesmo assim permanecem na cidade. Há, também, as que já moravam na cidade e que, da forma como puderam, receberam ou enfrentaram os migrantes.

É nítido que a presença de tantos personagens em movimento migratório configure o romance com um cunho social arrojado, principalmente porque o movimento aqui é realizado forçosamente em virtude dos ajustes econômicos que foram impostos pelos fazendeiros e o governo. Adequando-se ao tema desenrolado na obra, percebemos a presença marcante do fator político e social: a luta diária dos agricultores por seus direitos e a migração involuntária, conseqüente desse arranjo. Alguns deles viram-se, de alguma forma, conectados com características da cidade grande, mas, ao mesmo tempo, sentiram-se acuados, porque o governo desempenhava um papel de segregação social, a fim de que houvesse uma espécie de “limpeza” na sociedade e a classe operária não se sentisse à vontade ali. No entanto, o povo, conduzido pelos seus líderes de movimento político, organiza-se e une em passeata para reivindicar seus direitos. Assim descreve o narrador:

Às horas de folga não se podia conversar alto. Contavam casos e riam abafando a voz.

Rico, o que era esperado, por fim:

— Em Goiás, é campo, companheiros. Devemos, e isto é de importância fundamental, compreender, assimilar de uma vez por todas: devemos forjar a frente única operário-camponesa.

Não existe ninguém senão nós, como vanguarda, capaz de despertar o país para a grande revolução agrária que devemos fazer. Todas as classes e camadas interessadas nesta revolução precisam ser despertadas.

A tarefa de ajudar as massas do campo, os milhões de homens sem terra, é a nossa. Uni-las, dar-lhes a mão, dirigi-las para que conquistem a terra, uma vida digna, esta a nossa tarefa. Sem esta política o Brasil marca passos na miséria. (GARCIA, 1966, p. 110-111).

O governo, com um discurso mascarado de benfeitor, engana e ilude os trabalhadores, ao ponto de os moradores da vila, vindos do campo, sentirem-se satisfeitos com as respostas obtidas. Contudo, a dinâmica proposta não os deixa enganados por muito tempo, uma vez que surgem personagens mais atentos e que alertam os demais de que podem estar sendo manipulados, assim, passam a lutar, novamente, por seus direitos. O que está implícito nessas linhas e que vai além do conflito classe operária x governo são as relações de dominação entre capital e trabalho, de que o governo é mero agente.

O autor não deixa de enfatizar o viés político da narrativa, demonstrado no discurso revolucionário imposto por meio das causas que levaram os moradores de São Domingos a lutarem por seus direitos. Ele cria uma ideologia ao apontar os motivos da revolução – quando o povo descobre que está sendo trapaceado pelo governo – e mostra soluções contra o capitalismo quando aponta o socialismo como meio para fugir da subordinação política, mostrando que o capitalismo não parece resolver as questões sociais e revelando que o socialismo tem que vir e se mostrar na nova ordem social.

Vale conferir que a vida de José Godoy Garcia nos mostra como o engajamento político e ideológico influenciou na tessitura de seu romance, pois fica evidente que ele lançou mão da ficção para idealizar um ato revolucionário e sua narrativa carrega um peso maior no sentido de ser uma obra de denúncia e com engajamento explícito. Ademais, existe uma proximidade entre a literatura de Godoy Garcia, sua atuação política e sua vida que, bem como o romance aqui analisado, contribuiu com a luta pelo enaltecimento da revolução da qual ele participou. A revolução de Trombas e Formoso foi coordenada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e faz parte da história das lutas populares em Goiás contra o autoritarismo, em meio a qual José Godoy Garcia figurou como um de seus protagonistas. Claro que essa abordagem sociológica vincula-se com o ser humano, o ontológico, uma vez que toda sua escrita está voltada para a defesa daquelas que estão na escória social e são os párias da sociedade ideológica conservadora e de direita, ou seja, ele volta-se para as minorias.

5 Considerações Finais

A obra de José Godoy Garcia registra, dentro dos limites ficcionais, as inquietações do escritor goiano em relação aos acontecimentos sociais, políticos e culturais da região Centro-oeste na década de 1960. Como vimos, possui um viés revolucionário pelo seu evidente engajamento contra as práticas políticas que fortaleciam as divisões de classes, a exploração de trabalho e as desigualdades sociais.

Desse modo, é possível perceber um autor bem convencido de que as mudanças sociais são possíveis por meio da arte. Não apenas na narrativa em destaque, mas em toda a poética de José Godoy Garcia, evidencia-se que, além da beleza e da essência da natureza, os problemas histórico-sociais brasileiros precisavam vir à tona, sem adornos e pleonasmos. No romance, a realidade é traduzida a partir de uma linguagem simples, objetiva, clara, mas, em alguns momentos, dentro de uma poética neorregionalista, mostrando que a força coletiva pode promover a liberdade e o dinamismo nos processos identitários nacionais.

Portanto, a essência da sobrevivência e da civilização dos marginalizados. Essas personagens tornam-se exemplos de conduta em que as palavras de ação são a união, a luta e a vontade de vencer. O romance é esperançoso e motivador. Em suas trajetórias, passando por um processo migratório forçado, as personagens foram capazes de, pelo menos alguns deles, não serem vencidos, mas vencedores. Mostram ao leitor o magnetismo existente entre o homem e a natureza, entremeado pela ação da cultura, conhecimentos populares e um toque subjetivo.

6 Referências

ANDRADE, Maria do Carmo. **Gregório Bezerra**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

BRANDÃO, Gilberto Silva. Os condicionantes históricos da migração para Goiás na década de 1930. **Revista Educação e Cultura em Debate**, v.1, n. 1, jul./dez., 2015, p. 140-157.

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **Neorregionalismo Brasileiro**: análise de uma nova tendência da literatura brasileira. EDUFPI, Teresina, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Mobilidades literárias: migração e trabalho. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 11-20, jan./jun. 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

GARCIA, José Godoy. **O Caminho de Trombas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GARCIA, José Godoy. Entrevista: José Godoy Garcia. [junho, 1998]. Brasília: **Jornal Opção**. Entrevista concedida a José Maria e Silva, Ramos Jubé e Scartezini.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de multidão: a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea. In: **Revista Graphos**, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/13659/8079>>. Acesso em: 13 out. 2019.

MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. José Godoy Garcia e a Poética Popular do Cerrado: literatura de campo e história do Centro-Oeste. **Revista Nós, Cultura, Estética e Linguagens**, v.03, n.01, p. 93-105, 2018.

PERES, Luciano Gonzaga. **José Godoy Garcia e a poesia modernista em Goiás**. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017.

SOARES, V. L. Travessias culturais e identitárias na narrativa de Milton Hatoum. In: RODRIGUES, H.; KOHLER, H. (Orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais**: a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 65-82.